

RIF Entrevista

DOI – 10.5212/RIF.v.24.i52.0010

A subcultura *Furry* como espaço de autoidentificação e acolhimento: entrevista com a jaguatirica Jacky Spartan¹

The Furry subculture as a space for self-identification and acceptance: an interview with the jaguar Jacky Spartan

La subcultura Furry como espacio para la autoidentificación y la aceptación: una entrevista con la jaguar Jacky Spartan

Paola Champi²

Paulo Pessoa Neto³



Foto: Paola Champi

¹ A entrevista com a integrante da subcultura *Furry*, Jack Spartan, como é conhecida no grupo, aconteceu no dia 9 de setembro de 2024 no Parque Pedra da Cebola em Vitória - ES, como parte da produção do documentário etnográfico “Uma Chamada Furry”.

² Doutoranda no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-UNICAMP). E-mail: paola.susana.mendoza.champi@gmail.com.

³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG), bolsista CNPq. E-mail: paulo.pterceiro@gmail.com.

O movimento urbano *queer Furry*⁴ é uma “subcultura largamente baseada na Internet que gira em torno de arte antropozoomórfica. É comumente chamada de *furry fandom*, apesar de não ser de fato um *fandom*, visto que os *furries* não se congregam pelo gosto por uma obra ficcional” (Arçõn, 2020, p. 1). Trata-se de um espaço social contemporâneo no qual os integrantes compartilham a adoração em conjunto da criação e *role-playing* de personagens animais com características antropomórficas autorais.

Segundo Pessoa Neto e Champi (2026), a subcultura *queer furry* fortifica-se nos finais do século XX pela contracultura dos Estados Unidos do pós-pornô, em protesto a produções imagéticas antropozoomórficas do mainstream mercadológico e infantilizado. Não obstante, para além da pornografia e conotações eróticas nas produções *furries* - características que consolidam a subcultura em seus meados, mas que não as definem - contribuiu para a importância do processo artístico criativo e subjetivo, a construção de personagens animais com “características humanas, tais como inteligência, expressões faciais, o uso de vestimenta[...]” (Ramos, 2021, p. 7).

Os *furries*, membros da subcultura, costumam se expressar através de um avatar animal antropozoomorfizado conhecido como “*fursona*”⁵. Performando e se identificando pelo *fursona*, é comum que os integrantes dessa subcultura testem identidades sociais que normalmente não sentem segurança para aderir no cotidiano, por não estarem dentro de uma brancofalocisheteronormatividade. Em detrimento disso o *fandom furry*, desde sua formação aos dias atuais, é alvo de intensas campanhas de desinformação que ocorrem em um processo de envelopamento contínuo⁶ em escala mundial. No Brasil, grupos conservadores e

⁴ Nascida nas convenções de ficção científica dos anos de 1960, mas se estabelecendo no final dos anos de 1980, *Furry* vem do inglês “peludo”, por conta dos animais antropozoomórficos mamíferos geralmente representados nas vestimentas durante a performance dos membros da subcultura e nos avatares como se apresentam e se identificam.

⁵ Junção das palavras “*furry*” e “*persona*”, sendo o avatar animal antropozoomórfico utilizado pelos membros da subcultura para interagir e performar identidades sociais.

⁶ Quando ocorre uma repetição midiática, onde a narrativa ou informação apresentada se converte em uma verdade nos debates públicos apenas por ser reproduzida inúmeras vezes, mesmo que se trate de uma narrativa falsa ou enganosa.

preconceituosos propagam desinformações e discursos de ódio sobre a comunidade *Furry*, uma vez que muitos dos seus integrantes são pessoas LGBTQIAPN+⁷ e PCD⁸.

Com o objetivo de combater as narrativas falsas e estereótipos pejorativos associados ao grupo, os autores, que se identificam como membros dessa subcultura, realizaram em 2024 o documentário etnográfico nacional “Uma Chamada Furry” (2025). Vencedor do prêmio **técnico na categoria Documentário Longo no festival audiovisual MT QUEER PREMIA 2025**, teve o seu financiamento por políticas públicas de fomento cultural da Lei Paulo Gustavo no município de Campinas, interior do estado de São Paulo. Na obra, os autores, sob as *fursonas* Vega Cat e Pulim Panetone, uma felina azul e um lobo cinzento, ambos antropomórficos, percorrem as cinco regiões do país para entrevistar outros integrantes da subcultura.

Ao todo são apresentados 18 *furries* entrevistados das respectivas cidades: Santo André (SP), Sorocaba (SP), Santos (SP), Vitória (ES), Vila Velha (ES), Manaus (AM), Fortaleza (CE), Brasília (DF) e Santa Maria (RS). Por razões de pré-produção, facilidade de deslocamento e o alto contingente de integrantes, a região sudeste foi a que teve mais cidades visitadas no filme. Dentre os entrevistados em cena, 10 são assumidamente LGBTQIAPN+ e quatro são PCD neurodivergentes.

Em suas falas, os integrantes LGBTQIAPN+ comunicam um apego muito forte e emocional com a subcultura, pois consideram que é um ambiente seguro e familiar, no qual muitos deles se sentem mais acolhidos do que em seus próprios lares. A liberdade de personalização, de espécies de animais reais e imaginários, cores, gênero e sexualidade, como afirmam no documentário, permitiu que muitos tirassem seus próprios preconceitos e medos para assumir suas sexualidades e identidades.

Para os entrevistados PCD neurodivergentes, a subcultura tornou-se um porto seguro emocional e psicológico, pois não sentem que são diferenciados ou resumidos ao seu PCD. Especificamente, segundo os autistas *furries* do documentário, ter o gosto em comum por animais é um tipo de hiperfoco compartilhado dos integrantes do espectro com os neurotípicos,

⁷ Geralmente a sigla LGBTQIAPN+ abrange a identificação e ativismo de pessoas que se identificam socialmente categorizadas como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais, aromânticas, agênero, pansexual, polisssexual, não-binárias e outras identificações de gênero e de orientação sexual.

⁸ Geralmente sigla para “Pessoa Com Deficiência”, podendo ser condições de saúde de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. Por questões de acolhimento social, na comunidade *Furry* é comum pessoas neurodivergentes, mas não é a única especificidade encontrada.

o que faz com que isso seja um ponto de entrada para a socialização. Sensação de pertencimento foi também abordada pelos entrevistados, em vista que, devido às suas interseccionalidades, são excluídos e marginalizados na sociedade.

“Uma Chamada Furry” (2025) apresenta a subcultura *furry* como uma espécie de comunidade, um espaço social, onde não se tolera preconceitos oriundos da brancofalocisheteronormatividade, pelo contrário, abraça-se ser diferente, ser *queer*.

Na região sudeste são entrevistados cinco integrantes, destes, quatro declaram-se LGBTQIAPN+ e um, PCD neurodivergente. Dentre eles está a jaguatirica Jacky Spartan, uma mulher trans e neurodivergente da cidade de Vila Velha (ES). Inicialmente, Pulim Panetone e Vega Cat estão em Espírito Santo para entrevistar Daieny Schuttz, furry não-binário, influenciador digital e um dos organizadores do encontro furry Xawa - Furmeets do Espírito Santo. O casal de comunicadores *furries*, os autores, são convidados para participar do Xawa no Parque Pedra da Cebola em Vitória (ES), e, por indicação de *furries* locais, conhecem Jacky.

A entrevista não foi planejada. Ela aconteceu enquanto o encontro acontecia. Ao redor, haviam famílias e crianças que visitavam o parque para recreação. Alguns *furries* de *fursuit*, como a Jacky Spartan, chamavam a atenção, o que fazia com que muitos adultos e crianças pedissem para tirar fotos e dar abraços aos *fursuiters*. Com isso, a entrevista ocorreu de forma mais descontraída e permitiu que a entrevistada pudesse se sentir mais confortável para contar sobre sua experiência como integrante. Embora a *fursuit* não seja um acessório essencial para ser *furry*, como indicado pelos entrevistados no próprio filme, muitos deles utilizam os trajes como suporte emocional. Mais do que fantasias, são como uma segunda pele que os membros são muito apegados, pois sentem que naquele momento eles estão sendo eles mesmos. A respeito disso, Merlino (1989)⁹ argumenta que ao longo dos anos “algumas pessoas criticam os *Furries* como ‘realização de desejos’ ou uma máscara que usamos para nos esconder. Minha experiência me leva a crer que o oposto é verdadeiro. Seu *Furry* é o rosto que se esconde por trás da máscara que usamos no dia a dia.”¹⁰

⁹ Mark Merlino, conhecido na subcultura *Furry* como “*Syls*”, é considerado um dos fundadores da subcultura *Furry* contemporânea, junto com seu companheiro Rodney S. O’Riley. Merlino faleceu aos 72 anos em 2024, após uma série de derrames (acidentes vasculares cerebrais).

¹⁰ Do original: “some people criticize *Furries* as ‘wish-fulfillment’ or a mask we wear to hide ourselves. My experience leads me to believe the opposite is true. Your *Furry* is the face that lies behind the mask we wear in everyday life”.

Jacky contou que conheceu a comunidade *Furry* através do jogo virtual Second Life. No jogo, ela teve a oportunidade de criar a Jacky Spartan como sua avatar. Ela relata que no início era um personagem masculino, mas que apesar disso tinha muitas características visuais que remetiam a uma personagem feminina. Aos poucos ela foi se entendendo como mulher trans e assumiu esse avatar de jogo como a sua *fursona*. Não obstante, não foi um processo rápido e nem fácil. A jaguatirica conta que foram anos de terapia, livramento de preconceitos pessoais e aceitação. Hoje ela se mostra muito feliz pela sua trajetória e de como a comunidade furry lhe deu forças para ser ela mesma.



Foto: Tauane Benedicto.

Revista Internacional de Folkcomunicação: Há quanto tempo você está na comunidade *Furry*?

Jacky Spartan: Em 2014 eu conheci a comunidade. Aí levou uns dois anos mais ou menos para eu começar a interagir. Eu conheci a Jacky, minha primeira e única *fursona*, em um jogo chamado Second Life. Eu vi aquele avatar maravilhoso de jaguatirica e me apaixonei. Eu trouxe ela do mundo digital para o mundo real. O Second Life é um jogo onde você pode comprar coisas, como avatares ou roupas. E eu comprei ela. [...] Eu acho que é o mais maravilhoso que eu vi até hoje. E eu tenho ele até hoje.

RIF: E quanto tempo você demorou para fazer a *fursuit*¹¹?

JS: Olha, eu só consegui fazer ela no ano passado. No Brasil FurFest¹² do ano passado foi quando eu andei entre os outros *furries*¹³ como uma *furry* mesmo. Foi a primeira vez que eu vesti a Jacky e interagi com as outras pessoas como a Jacky mesmo. Eu me senti incrível. É muito divertido. A *fursuit* tem um efeito de fazer a gente se soltar mais. É uma forma de eu mostrar quem eu realmente sou. Por quê? Desde criança eu sempre me identifiquei com os felinos. Não só no coração, mas eu pulava, subia em árvore. Eu acho que eu inventei o *parkour*¹⁴ antes de se chamar *parkour*. Eu sempre me identifiquei com os felinos e quando eu vi a Jacky pela primeira vez, foi o casamento perfeito.

RIF: Para você, o que significa ser *furry*?

JS: Uma afinidade grande com os animais. Não tentando querer ser um animal. Até porque, somos animais também. Mas é para mostrar o amor que a gente sente pelos animais. Uma coisa que eu gosto de dizer para quem tem *pet*: não trate seu *pet* como *pet*, trate como companheiro, como amigo. Eles deixaram sua independência há milhares de anos atrás para viver com a gente. Além da responsabilidade, a gente tem que ser grato por isso.

RIF: E o que é ser um *furry* brasileiro para você?

JS: Para mim encaixou como uma luva. Acho que o brasileiro tem uma ligação muito forte com os animais. E o pouco tempo que a comunidade *Furry* existe no Brasil, ela cresceu muito e vem crescendo. Então nós abraçamos isso muito rápido. As convenções *furry*, principalmente a Brasil FurFest, já tem fama internacional. E a Brasil FurFest começou não tem muito tempo, em 2016. E agora é uma convenção de âmbito internacional.

RIF: A gente sabe que tem muita gente LGBTQIAPN+ na comunidade *Furry*, muita gente PCD, que no dia a dia são excluídos socialmente e encontram um lugar seguro no *Fandom Furry*.

¹¹ Sendo a junção das palavras “*furry*” e “*suit*”, trata-se da vestimenta utilizada pelos membros da subcultura para performar suas *fursonas*.

¹² A Brasil FurFest é, atualmente, a maior convenção *Furry* de hotel no Brasil. Sua última edição em 2025 contou com um público de 1.356 pessoas em São Paulo - SP. A primeira edição de 2016 aconteceu em Santos - SP, onde em 2022 receberam certificação de Guardiões do Patrimônio Imaterial do Povo Brasileiro pelos serviços prestados à cultura de Santos.

¹³ Termo utilizado para referir-se aos membros da subcultura ou adjetivo relacionado a *Furry*.

¹⁴ Atividade física e mental onde o praticante desloca-se de um ponto a outro da forma mais rápida, fluida e eficiente, utilizando-se de apenas movimentos corporais.

Qual sua percepção em relação a isso e, se você se sentir à vontade, qual foi sua experiência na comunidade *Furry*?

JS: Eu sou do espectro autista. E realmente é um lugar onde as pessoas PCD se sentem mais à vontade. Eu acho que a comunidade *Furry* é uma das mais acolhedoras que existem. Foi na comunidade *Furry* que eu me encontrei, que eu descobri quem eu sou. Foi aqui que eu tive coragem de descobrir quem eu sou. Eu sou mulher trans. Foi aqui o primeiro passo para eu me sentir mais à vontade, para me aceitar. Quando eu conheci a comunidade *Furry*, meus primeiros amigos *furries* eram da comunidade LGBTQIAPN+. E engraçado que no início, eu não aceitava quem eu era. Eu ainda tinha uma mentalidade muito fechada. Mas após eu conviver, eu me encontrei. Eu disse: “gente! Eu descobri o que há de errado comigo, agora que tenho que descobrir o que vai ser de certo”. E fui descobrindo. Quando eu comecei, não era nem “a” Jacky, era “o” Jacky. Eu me inspirei o nome baseado em um filme antigo. Mas engraçado que, antes mesmo de eu assumir, de eu saber quem eu era, o avatar da Jacky, apesar de ela começar como um menino, ela tinha um corpinho mais feminino. Nem de longe lembrava um menino. Era alguma coisa dentro de mim querendo dizer algo. Eu fiz terapia também para ajudar. E isso me fez descobrir e entender muita coisa do meu passado mesmo. Entender o passado lá de criança, por que certas coisas pareciam diferentes, ou certas coisas eram diferentes para as outras pessoas. Então é como se tivesse tudo se encaixando na minha vida. Como se as pecinhas começassem a se encaixar, tudo fazer sentido.

RIF: E você falou sobre PCD, autismo. Tem uma comunidade grande de *furries* autistas. Você sente que o *Fandom Furry* é um lugar de acolhimento?

JS: Sim. Todos nós nos vemos como *furries* só. É como se não existisse diferença. Não quer dizer que a gente vai passar por cima das diferenças. As pessoas confundem muito essa noção de igualdade. É ser igual, mas reconhecendo que cada um de nós temos suas limitações. É uma questão de respeito.

Referências

ARČON, Artur Quaglio. Olhar exploratório sobre a subcultura furry no Brasil. **Iniciacom**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 101-116, 2020. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/3308>. Acesso em: 7 jun. 2026.

MERLINO, Mark “Sylys”. *Furries are people too*. In: MELVILLE, Charles; O’CONNEL, Brian; LIVINGSTON, Monica; RUND, Lance; HOWELL, Shawn; FITTS, Bill; KREUTZMAN, Kris; MILLER, Noah. **Confurence 0 Conbook**. Costa Mesa, Estados Unidos: ConFurence Zero Collection, 1989. Disponível em: <https://confurence.com/1989/01/confurence-zero-con-book-1989/> Acesso em: 12 jun. 2026.

PESSÔA NETO, Paulo; CHAMPI, Paola. Vozes e registros da subcultura *furry*. In: 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. **Anais do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 4 a 6 de junho de 2026, no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – FAG – Campus Toledo**. Recurso eletrônico. – São Paulo : Intercom, 2026. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/28/5053/0429202614314369f2407f82940.pdf> Acesso em: 3 jun. 2026.

RAMOS, Gabriel Profeta. **FurPedia**: a enciclopédia *furry*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Comunicação Visual) – ETEC de Carapicuíba, Carapicuíba, 2021. Disponível em: [Repositório Institucional do Conhecimento do Centro Paula Souza](#). Acesso em: 7 jun. 2026.

UMA CHAMADA FURRY. Direção de Paola Champi (Vega Gat). Campinas, São Paulo: Produções Pulim e Vega, 2025. 1 vídeo (50 min.).